

O Bancário

Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas

■ Diretor: Rui Riso | Diretor-adjunto: João Carvalho

Ano XXXV II | Nº 206 | € 1,50

Mensal | junho de 2019



SBSI promove estudo sobre stress no setor bancário

Mais Sindicato

Rui Riso revela nome do futuro sindicato nacional e fala sobre projetos em curso

O PRIMEIRO PROGRAMA DE REABILITAÇÃO AUDITIVA COM RECURSO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.



O sucesso da reabilitação auditiva assenta na audilogia e na tecnologia. Na Widex orgulhamo-nos de ter, há mais de 30 anos, uma equipa de audiologistas qualificados e experientes. Esta equipa beneficia hoje em dia de uma tecnologia mais evoluída e extremamente inteligente: **O primeiro programa** de reabilitação auditiva com recurso a **inteligência artificial**.

A Widex estabeleceu uma **parceria com o SAMS** para facilitar o seu acesso à reabilitação auditiva.

EXPERIMENTE GRATUITAMENTE

- Bateria recarregável
- 24 horas de autonomia
- Maior poupança



INFORME-SE SOBRE AS CONDIÇÕES EXCLUSIVAS NA WIDEX PARA BENEFICIÁRIOS DO SAMS.

CONSULTA DE AVALIAÇÃO GRÁTIS

SAMS | Linha de Apoio | Marcações
210 499 999



Serviço disponível no Centro Clínico Ambulatório do **SAMS**,
Serviço de Audiofonia, em Lisboa, ou em qualquer
Centro Auditivo Widex em todo o país.

Consulte o seu centro auditivo Widex.

W WIDEX
ESPECIALISTAS
EM AUDIÇÃO



Rui Riso

Pela capacidade
de previsão da banca
e da própria economia,
entendemos ser possível
negociar com os olhos
postos num horizonte
mais distante

Alargar a vigência das tabelas

Sempre que encetamos um processo negocial pretendemos que seja tão célere quanto possível, sobretudo porque a concretização da revisão do clausulado ou apenas das tabelas é tão mais eficaz quanto mais rapidamente se aplicar. Acresce que as condições alteram-se (ou podem alterar-se) a cada momento, umas vezes por fatores do próprio setor, outras por razões que não tendo nada a ver com o setor influenciam o decorrer das negociações, normalmente atrasando a sua conclusão.

Quando abrimos as mesas negociais fomos muito claros acerca da vontade e da necessidade de as negociações não se prolongarem além do período estival.

A razão é simples: a experiência bem nos ensinou que quando assim não é dificilmente os processos se concluem antes de finais de novembro, para não dizer dezembro.

É verdade que a aplicação retroage a janeiro, mas não é menos verdade que faz pouco sentido que assim seja.

Se outras razões não houvesse, esta seria mais que suficiente para justificar a nossa proposta de negociar para um período mais lato. É uma experiência que tem vindo a ser levada a cabo noutros panoramas, nacionais e internacionais, e é nosso entender ser este um caminho que devemos percorrer.

A banca tem conseguido delinear planos de médio/longo prazo para reestruturar, para reduzir trabalhadores, para conter salários — quer através dos aumentos, quer através de negociações com os sindicatos, sempre em nome da defesa de postos de trabalho. Assim sendo, a banca demonstra capacidade de previsão dos momentos em que os gráficos mudam de direção.

Os exemplos estão aí e os resultados que vão apresentando evidenciam isso mesmo. E se durante muito tempo as imparidades (ou os NPL ou lá o que se queira chamar ao que muitas vezes estava debaixo dos tapetes) justificavam tudo, terão agora obrigatoriamente de estar resolvidas.

De quando em vez convém lembrar que a crise começou em 2008 lá por fora e chegou cá um ou dois anos depois. Convém lembrar tudo o que foi dito então, as recomendações, orientações e imposições que teriam de ser cumpridas para que o nosso sistema financeiro voltasse à normalidade.

Muito mal estaremos se estivermos novamente perante um quadro em que as empresas, bancos incluídos, apresentavam resultados trimestrais em crescendo, fosse à custa do que fosse. Muito mal estaremos se ainda não pudermos levantar os tapetes. É que já passaram dez anos e se, como dizem, as crises económicas são cíclicas...

É exatamente por isso, pela capacidade de previsão da banca e da própria economia, que entendemos ser possível negociar com os olhos postos num horizonte mais distante. ■

Sindical

As nossas lutas são nossas | 5
 Sindicatos propõem acordo salarial para dois anos | 6
 EuroBic promove as melhores práticas de natalidade | 6
 SBSI continua negociações salariais com BCP | 7
 Conselho Geral da Febase | 8
 SBSI promove estudo: Prevenir o stresse
 e os riscos psicossociais no trabalho | 9

Entrevista | Rui Riso

"Queremos encontrar soluções inovadoras para problemas antigos" | 10
 "Não somos o sindicato dos trabalhadores do SBSI" | 14
 Dos ténis de corrida à gravata de deputado | 14

GRAM

Arte em exposição no SBSI | 16
 Exposição eclética | 17

Visto de fora

Como a desunião europeia está a fragilizar a zona euro | 19

Tempos livres

Concerto de coros Bancários: A voz da palavra | 22
 A palavra cortada rente | 24
 Karting: Domingos Coragem em primeiro | 25
 King: João Roque campeão regional | 26
 Bowling: Jorge Teixeira conquista campeonato | 26

Juventude

Fazer amigos entre os animais | 27

Talento à prova | 29**Passatempos | 30****FICHA TÉCNICA**

Propriedade: Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas - NIF 500 825 556

Correio eletrónico: directao@sbsi.pt

Diretor: Rui Riso

Diretor-adjunto: João Carvalho

Conselho editorial: Rui Riso, João Moreira,
José Carlos Pires e João Carvalho

Editor: Elsa Andrade

Redação, Edição e Produção:

Rua de São José, 131 - 1169-046 Lisboa

Tels.: 213 216 0 90/062 - Fax: 213 216 180

Correio eletrónico: obancario@sbsi.pt

Grafismo: Ricardo Nogueira

Pré-impressão e Impressão: Xis e érrre, xer@netcabo.pt

Rua José Afonso, 1, 2.º - Dto. - 2810-237 Laranjeiro

Revisão: António Costa

Tiragem: 39.473 Exemplares (sendo 4.473 enviados por correio eletrónico)

Periodicidade: Mensal

Depósito legal: 310954/10

Registado na ERC: n.º 109.009

Estatuto Editorial

Consultável através do endereço:

https://www.sbsi.pt/atividadesindical/informacao/publicacoes/Pages/estatutoeditorial_bancario.aspx

A publicidade publicada e/ou inserta em O Bancário é da total responsabilidade dos anunciantes

Grande angular**Diário de Notícias****Portugueses trocam depósitos a prazo por contas à ordem**

Os portugueses estão a fugir dos depósitos a prazo e a colocar o dinheiro em contas à ordem ou em aplicações financeiras alternativas, uma vez que as taxas de juro estão a cair a pique e os bancos pagam hoje pouco mais de 0%. Se em 2008 o montante aplicado nos depósitos a prazo podia render um juro de 4,66%, hoje a taxa é de 0,12%, um novo mínimo histórico.

"Nota-se um decréscimo do montante aplicado em depósitos a prazo e um aumento do dinheiro que fica disponível à ordem", onde pode ser movimentado sem restrições e tem custos mais baixos. "Como a maior parte das taxas de juro a prazo são muito baixas, a maioria das pessoas já não aplica [o dinheiro] a prazo porque não vale a pena", reconhece António Ribeiro, economista da Deco. Existem produtos com taxas de juro superiores, que "vão até aos 0,9% a 12 meses", mas são normalmente depósitos promocionais ou condicionados à subscrição de outros produtos.

"As taxas de juro 0%, fruto da política do Banco Central Europeu, são boas para quem contraiu um empréstimo; mas são más para quem tem poupanças", alertam os economistas. E, à medida que as taxas de juro caem, o peso dos depósitos à ordem aumenta. As contas à ordem já representam 38% do total do dinheiro depositado nos bancos, de acordo com os dados do Banco de Portugal. É o nível mais alto de sempre.

António Ribeiro alerta para outro fator a ter em conta e que é muitas vezes esquecido: a inflação. "Com uma taxa de inflação nos 0,9% e um juro médio dos depósitos a prazo ao mínimo histórico de 0,12%, as poupanças aplicadas a prazo estão a sofrer uma degradação do seu valor."

**Banca foi o único serviço a perder peso no emprego**

Ainda usávamos escudos no bolso e nem sonhávamos voltar a passar por uma ajuda externa e um período de austeridade. Nessa altura, no ano 2000, a indústria era o setor económico com maior peso no emprego, seguido do comércio, da administração pública, da agricultura e da construção, revelou esta semana o Eurostat, pormenorizando os diferentes ramos dos serviços, onde a banca se destaca pela negativa.

Quase duas décadas depois, em 2018, o panorama é muito diferente. Passou o comércio a deter o maior peso no emprego, seguido da administração pública, com a indústria a cair da primeira para a terceira posição. As atividades científicas e tecnológicas, de irrelevantes, passaram a ocupar o quarto lugar, e só depois surgem a agricultura e a construção.

Enquanto a indústria (-21,65%), a agricultura (-32,5%) e a construção (-46,0%) perderam importância significativa no emprego, no setor dos serviços todos os segmentos ganharam mais peso, à exceção da categoria dos "serviços financeiros e seguros", na qual se inclui a banca, onde houve uma perda de 10,5%, de 2000 para 2018.

No período considerado, Portugal esteve sempre abaixo da média da União Europeia em todos os ramos dos serviços, com uma nova exceção: o comércio conseguiu suplantar essa fasquia no último ano e apresentou um peso no emprego acima da referência comunitária.

**Boas férias!**

Como habitualmente, O Bancário interrompe a sua publicação devido ao período estival, retomando o contacto com os leitores a 24 de setembro.

A equipa da revista deseja a todos boas férias, com o merecido descanso para retemperar forças e retomar em plena forma o último trimestre ano.

As nossas lutas são nossas

O SBSI e o SBC têm objetivos próprios e as suas formas de alcançá-los. Como ficou provado na concentração junto ao BCP

Não vamos atrás de ninguém. Temos objetivos e estratégias para alcançá-los, sem radicalizações que só prejudicam os trabalhadores. Fomos junto à Assembleia Geral do BCP para apelar aos acionistas que aprovassem a reposição dos cortes salariais, como constava da ordem de trabalhos.

Também gostaríamos que a devolução fosse integral, mas não era isso que estava em apreciação. E não sendo possível, pretendíamos que os 12 milhões e 500 mil euros constantes da proposta fossem distribuídos como parte da compensação dos salários retidos.

O nosso objetivo foi alcançado: graças à aprovação dos acionistas, em junho os trabalhadores do BCP já recebem parte do montante retido.

A nossa estratégia é valorizar a negociação coletiva e não entramos em rutura quando entendemos que um acordo ainda é possível.

Estamos à mesa de negociações com o BCP para a revisão das tabelas. Ainda não chegámos a um entendimento, mas o banco já avançou com uma contraproposta de 0,6% de aumento, enquanto aos restantes sindicatos não propôs nada. Mas vamos continuar o processo, na tentativa de o BCP se aproximar das pretensões do SBSI e do SBC. A próxima reunião está já agendada para 21 de junho.

Mais negociações

Estamos em outras mesas negociais. Na revisão salarial do ACT, as IC subscritoras já avançaram 0,7% de aumento, mas ainda continuamos a negociar. Os outros sindicatos apenas agora iniciaram o processo. . .

Também com o Crédito Agrícola e com a CGD estamos envolvidos em negociações sobre aumentos salariais.

Esta é a nossa forma de estar e agir: negociar, negociar, negociar. Manobras de diversão apenas atrasam o processo. ■

As Direções



Revisão das tabelas do ACT

Sindicatos propõem acordo salarial para dois anos

SBSI e SBC apresentaram na APB uma proposta de aumento salarial e cláusulas de expressão pecuniária para vigorar em 2019 e 2020

Na quinta sessão de negociações com o Grupo Negociador das Instituições de Crédito (GNIC) subscritoras do ACT do setor bancário, que decorreu dia 3 de junho, o SBSI e o SBC apresentaram uma nova contraproposta.

Com o objetivo de acelerar o processo e chegar rapidamente a um acordo – propósito partilhado pelas IC – os Sindicatos adiantaram a sua disponibilidade para negociar um aumento nas tabelas e cláusulas de expressão pecuniária não só para o ano em curso mas também para 2020.

Se as partes chegarem a entendimento, em janeiro do próximo ano os trabalhadores não terão de aguardar a conclusão de mais um processo negocial para terem os seus aumentos.



No tempo próprio

No entanto, SBSI e SBC deixaram claro não estarem disponíveis para que um acordo fique dependente do desenrolar de outra mesa negocial, cujo processo só agora vai começar.

Confrontado com esta proposta, o GNIC considerou com interesse a possibilidade de um acordo a dois anos, embora necessite de tempo para analisar a questão e as suas implicações

A próxima reunião está agendada para 26 de junho. ■

EuroBic promove as melhores práticas de natalidade



Sindicatos questionaram a administração por penalizar, na distribuição de incentivos, as trabalhadoras com ausência por maternidade. O banco reconsiderou.

SBSI e SBC congratulam-se pelas boas práticas do EuroBic em resposta à sua solicitação. Em causa estava a não atribuição do incentivo resultante da distribuição de resultados devido a ausências por maternidade.

A questão deve-se à política de recursos humanos do banco, segundo a qual os trabalhadores com ausência superior a 180 dias não são avaliados. Como os incentivos são atribuídos em função da avaliação, as trabalhadoras ausentes por maternidade não receberam.

Face ao alerta dos Sindicatos, o EuroBic decidiu atribuir notação 3 às trabalhadoras abrangidas por este regime e permitindo assim a atribuição do respetivo incentivo. ■



Ao contrário de outros sindicatos

SBSI continua negociações com BCP

No âmbito da Febase, os Sindicatos foram confrontados com um pedido de conciliação do processo negocial do BCP, apresentado pelo SBN.

SBSI manifestou-se contra, deixando claro que não desiste de tentar chegar a acordo com o banco relativamente ao aumento da tabela salarial e cláusulas de expressão pecuniária

Em resposta à convocação da Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT) do Ministério do Trabalho, o SBSI esteve presente, no dia 7 de junho, na reunião de conciliação do conflito coletivo de trabalho relativo à revisão de 2018 do Acordo Coletivo entre o BCP e os Sindicatos da Febase, requerida pelo Sindicato dos Bancários do Norte (SBN).

Desde logo, o SBSI manifestou estranheza pela presença de sindicatos subscritores de outra convenção com o BCP, que estará em negociação(?) e para a qual não solicitaram o processo de conciliação.

Questionados pelo banco a esclarecer a sua posição, aqueles sindicatos afirmaram que aplicarão ao seu acordo o resultado do processo de conciliação.

Negociar, negociar

O SBSI afirmou inequivocamente que não subscreve o pedido de conciliação do SBN — que assim desiste das negociações — por considerar ser ainda possível chegar a um acordo com o banco relativamente ao aumento da tabela salarial e cláusulas de expressão pecuniária — e, como tal, expressou a sua disponibilidade para negociar.

O SBSI mantém a sua determinação na obtenção de um acordo, possibilitando assim aos seus associados rapidamente beneficiarem de aumentos salariais.

Quanto ao processo negocial, o SBSI continuará a informar os associados. ■



Febase

Conselheiros aprovam Relatório e Contas

O Conselho Geral da Febase aprovou por larga maioria os documentos relativos ao exercício de 2018. A relação entre a Federação e o SBN foi também abordada

A sessão do Conselho Geral da Febase de 27 de maio tinha como principais pontos da Ordem de Trabalhos a apresentação, discussão e votação do Relatório e Contas da Federação, relativo ao exercício de 2018, e a apreciação da situação relativa à atual relação entre o Sindicato dos Bancários do Norte (SBN) e a Febase.

Foi também o momento de passagem de testemunho de Carlos Marques para Helena Carvalheiro, que assume agora o cargo de secretária-geral, cumprindo-se assim a rotatividade entre sindicatos.

Depois de Cristina Damião, coordenadora do Pelouro da Contratação, ter feito um balanço das negociações em curso nas mesas negociais do ACT do setor bancário, do BCP e da CCAM, os conselheiros iniciaram a discussão, que aqueceu quando o tema foi a concentração junto ao BCP.

Mais uma vez foi referido o objetivo distinto de SBSI e SBC e dos outros sindicatos, aos quais se juntou o SBN, no que configura, nas palavras de Rui Riso, "bigamia sindical, que a lei proíbe".

Contas certas

Apresentado o Relatório e as Contas de 2018 — cujo balanço apresenta um ativo de cerca de 260



mil euros e um passivo de cerca de 77 mil euros —, o presidente da Comissão Fiscalizadora de Contas explicou o parecer favorável da Comissão.

"O resultado do exercício, positivo no valor de 14.747 euros, é inferior ao obtido em 2017, em cerca de 38 mil euros", referiu Fernando Martins, acrescentou: "Esta diferença resulta, no essencial, da diminuição das receitas das rubricas 'quotizações' e 'vendas e serviços' em cerca de 25 mil, e 30 mil euros, respetivamente, parcialmente compensado com a diminuição dos custos da rubrica 'fornecimentos e serviços externos', em cerca de 27 mil euros."

Seguiu-se a votação do documento, aprovado por larga maioria, com apenas 1 voto contra e 2 abstenções.

SBN não cumpre

Coube a Carlos Marques informar os conselheiros sobre a relação do SBN com a Federação:

"Depois da suspensão em dezembro de 2018, os trabalhos da Febase foram retomados em janeiro, numa reunião do Secretariado onde não estiveram presentes nem justificaram a sua ausência."

O então secretário-geral prosseguiu, adiantando que o SBN também não participou nas reuniões seguintes. "Não nos comunicou se iria ou não participar em mais atividades da Febase". E não esteve presente nesta sessão do Conselho Geral.

Este comportamento tem sido debatido pelo Secretariado, e de acordo com os Estatutos o SBN não está a cumprir pelo menos uma das suas obrigações: a quotização. "O SBN não tem estado a pagar".

Carlos Marques terminou informando que a Federação "está a funcionar de acordo com o estabelecido, exceto na contratação coletiva, que está a ser feita não pela Febase mas pelos Sindicatos". ■

SBSI promove estudo

Prevenir o stresse e os riscos psicossociais no trabalho

SAMUEL ANTUNES*



O crescimento dos riscos psicossociais no setor bancário torna urgente a implementação de medidas que previnam o seu aumento e reduzam a gravidade do seu impacto. O Sindicato vai realizar um estudo sobre o tema e convida os sócios a participarem, respondendo ao questionário online

De acordo com a Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho (EU-OSHA) os riscos psicossociais e o stresse relacionado com o trabalho são, hoje, um dos maiores desafios em termos de segurança e saúde no trabalho.

Os riscos psicossociais que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) define como “o conjunto de fatores que podem afetar a integridade física e mental das pessoas” resultam de deficiências na conceção, organização e gestão do trabalho e do seu contexto económico e social. O impacto destes riscos pode ser muito significativo em termos da saúde física e psicológica dos trabalhadores, mas também ao nível das organizações e da economia dos países.

Impactos

O impacto dos riscos psicossociais ao nível psicológico pode traduzir-se por ansiedade, stresse,

perturbações do sono, depressão, burnout, problemas na comunicação e relacionamento interpessoal, pessimismo, dificuldades de concentração, de memória, de aprendizagem e de tomada de decisão, baixa autoestima, irritabilidade fácil e hostilidade, oscilações de humor, etc..

Ao nível físico, os efeitos podem traduzir-se em hipertensão, taquicardia e outros problemas cardíacos, perturbações gastro-intestinais, dores de cabeça, dores musculares, dores abdominais, fadiga, perda ou aumento do apetite, obesidade, entre outras.

Ao nível comportamental e apenas a título de exemplo, poderá observar-se o consumo excessivo de medicamentos, tabaco, drogas e álcool, agressividade e irritabilidade fácil, menor tolerância à frustração, desinteresse e desmotivação, isolamento, negativismo, desconfiança.

Ansiolíticos e antidepressivos

O stresse laboral é uma das consequências mais comuns deste tipo de riscos e segundo a EU-OSHA, quase um em cada quatro trabalhadores é afetado pelo stresse, havendo estudos que o apontam como sendo o segundo problema de saúde relacionado com o trabalho mais notificado e responsável por 50% a 60% da totalidade dos dias de trabalho perdidos.

Esta questão é particularmente sensível, dada a relação existente entre os riscos psicossociais e o

aumento dos problemas de saúde mental, nomeadamente quadros de ansiedade, stresse laboral, depressão, burnout e até mesmo o suicídio.

Em Portugal, este problema tem vindo a aumentar e a assumir dimensões de enorme gravidade. A comprová-lo estão os indicadores de consumos de ansiolíticos e antidepressivos no nosso País (quase o dobro da média europeia). Em 2017, os portugueses compraram 10,6 milhões de embalagens de ansiolíticos e cerca de 8,4 milhões de embalagens de antidepressivos, mais 427 mil do que no ano anterior, segundo os dados do Infarmed.

Prevenção

O crescimento dos riscos psicossociais no setor bancário torna urgente a implementação de medidas que previnam o aumento destes riscos e reduzam a gravidade do seu impacto, ao nível do stresse e do burnout, nestes profissionais.

A primeira medida de prevenção é a avaliação destes riscos, através de questionários aferidos para a população portuguesa que nos permitem identificar os riscos mais significativos e, num segundo momento, intervirmos no sentido de os eliminarmos pela correção do seu impacto na saúde física e mental dos trabalhadores. ■

**Professor universitário,
managing partner da Think People*

Fatores nocivos

Como exemplos de riscos psicossociais e stresse poderemos destacar:

- Aumento da carga e do ritmo de trabalho;
- Alterações na conceção, organização e gestão do trabalho;
- Contratos de trabalho precários;
- Insegurança no emprego e aumento do risco de desemprego;
- Má gestão de mudanças organizacionais;
- Comunicação ineficaz e falta de apoio da parte de chefias e colegas;
- Assédio psicológico ou sexual e violência de terceiros;
- Nível elevado de exigências emocionais impostas pela natureza do trabalho;
- Falta de equilíbrio entre a vida profissional e pessoal.



“Queremos encontrar soluções

Inicia o terceiro mandato como presidente do SBSI com os olhos postos na futura organização nacional – cujo nome será Mais Sindicato, revela. Rui Riso está tranquilo com a obra feita e com os projetos que naturalmente fazem o seu percurso. Uma das reflexões mais importantes, assume, é encontrar uma nova forma de aumentar os rendimentos de trabalhadores e reformados

P – Ao iniciar um terceiro mandato, há um sentimento de trabalho já realizado?

R – Há dois. Um sentimento de muita coisa feita, mas também um sentimento do que ainda falta fazer. Cumpridas as propostas que fizemos, surgem-nos novas necessidades, novas oportunidades que devemos aproveitar. É isso que achamos que fica por fazer e é para isso que estamos cá.

P – O que de mais importante ficou por fazer e passou para este mandato?

R – Sobretudo o que não depende de nós. Somos influenciados pela situação do setor. O sistema financeiro português tem hoje um saldo perto do zero, ou talvez um saldo negativo, porque uma ou duas entidades têm saldos negativos muito pesados. Os lucros dos bancos compensam todos os prejuízos anteriores? Parece-nos que não, o setor não está completamente saudável. E se há instituições com contratação coletiva específica, a maioria subscrive o ACT, cuja negociação depende do equilíbrio entre as diversas entidades.

Queremos muito um setor saudável, para bem da economia portuguesa, dos contribuintes e dos trabalhadores bancários. E para isso é preciso acabar completamente com as dúvidas e suspeições acerca de alguns bancos, nomeadamente sobre o banco público.

P – Em que é que isso se traduz no que ficou por fazer?

R – Traduz-se em melhores resultados, nomeadamente na contratação coletiva, um fator

determinante na nossa atividade, e que tem um dos seus principais pilares na saúde e na proteção da saúde. Na negociação de 2016 conseguimos uma contratação coletiva diferente da anterior e conseguimos defender o SAMS.

Face ao estado em que se encontrava o setor, que não dava sinais de grande retoma, não foi possível ir tão longe como gostaríamos, ainda assim pensamos que os direitos dos trabalhadores bancários, seja na proteção da saúde ou na garantia de pensões justas, ficaram muito consolidados. Mas ser sindicalista é, sobretudo, ser uma pessoa permanentemente incomodada e incomodadora dos outros, no sentido de que todos convirjam no mesmo sentido: a obtenção de melhores condições de trabalho e de remuneração dos bancários.

Salários e pensões

P — Ao contrário de alguma recuperação da banca desde o novo ACT, os aumentos salariais têm andado em contraciclo...

R — Temos de centrar-nos na realidade. Há muitos anos os bancos reclamam que os aumentos salariais estão muito dependentes de um fator com um peso substancial na despesa dos bancos, sobretudo no provisionamento futuro: os fundos de pensões. E vale a pena lembrar que, ao contrário do que se diz, os fundos de pensões da banca passaram para a área do Estado, sendo a Segurança Social um fator apenas instrumental porque

despesa corrente, na prática, são 3%: 1% para os ativos e o equivalente em duas vezes, porque tem do outro lado o dobro dos trabalhadores.

P — Será sempre assim...

R — Tem que se encontrar um caminho futuro e temos pensado muito sobre esta questão, queremos encontrar soluções inovadoras para problemas antigos. Sem desligar uma coisa da outra, temos de encontrar uma nova forma de valorização dos salários dos que estão a trabalhar e uma nova forma de valorização das pensões dos reformados. Consideramos que é possível encontrarmos tabelas de referência em que os trabalhadores no ativo sejam aumentados e exatamente na mesma proporção sejam aumentados os reformados — e que além disso seja possível melhorar os rendimentos de ambos.

Em muitos anos, o rendimento dos fundos de pensões é muito superior às suas necessidades. Ou seja, há anos em que os fundos de pensões podem ter uma valorização, por exemplo, de 7% ou 8%. Se os vencimentos aumentam 1% ou 1,5%, há uma folga de alguns pontos percentuais que fica para o banco. Entendemos que é possível repartir esse excedente pelos reformados. Não será demais lembrar que a despesa com os aumentos salariais afeta o resultado do exercício, enquanto o provisionamento dos fundos de pensões afeta o capital dos bancos. Ora sendo também conhecidas as regras e as dificuldades de capitalização da



inovadoras para problemas antigos”

tem todos os instrumentos necessários para proceder a esses pagamentos.

Tudo o que diz respeito às despesas com saúde (descontos para o SAMS), às contribuições obrigatórias e aos aumentos salariais ficaram alocados aos fundos de pensões da banca. Ou seja, o dinheiro que passou para a área do Estado tem um compromisso muito bem definido: ser devolvido a pouco e pouco às pessoas que estavam reformadas no dia 31 de dezembro de 2011 e eram beneficiárias daqueles fundos de pensões. Se houver aumentos, são os fundos de pensões da banca que têm de corresponder. Sendo assim, interessa dizer o seguinte: um dos grandes bancos que estão no mercado nacional tem sete mil trabalhadores e 17 mil reformados. Ou seja, se o banco aumentar os trabalhadores 1%, a sua

banca portuguesa, percebe-se que esta questão é também fortemente limitativa da nossa ação no que respeita ao crescimento das tabelas salariais.

Temos é de definir muito claramente o que são tabelas de referência, pelas quais todos são aumentados de uma forma igual, o que é que premeia a produtividade dos trabalhadores e o que premeia os pensionistas pelas valorizações obtidas pelo fundo de pensões. Somos inteiramente pelo compromisso geracional, desde que esse compromisso não torne uns reféns dos outros.

P — Essa proposta já foi apresentada à banca?

R — Ainda não chegou a altura. Já fizemos alguns comunicados sobre esta matéria e devo confessar que não somos muito bem entendidos. Chegou o momento de clarificar o que pretendemos de uma

forma muito tranquila, mas não quando estão em negociação as tabelas salariais. Precisamos, talvez, de conseguir fechar tabelas salariais para um período superior a um ano, porque passamos mais de metade do ano a negociar e quando chegamos ao final estamos a propor novas alterações às tabelas e a começar um novo ciclo. É bom que um dia consigamos fazer uma negociação mais lata, com períodos mais longos, que nos permita nesse entretanto refletir sobre isto, obviamente apoiados pelos estudos que os investigadores desta matéria — e são muitos em Portugal. Sempre fomos acompanhados pelo Prof. Carlos Pereira da Silva e é com ele que contamos também para nos acompanhar na análise deste tema.

P — Isso é uma prioridade para este mandato ou será uma prioridade para o sindicato nacional? ►

► R — Este é um assunto que tem de estar sempre em cima da mesa, porque quando não temos uma janela de reflexão larga temos de construir o nosso pensamento a pouco e pouco. Há processos na mudança que estamos a viver que não podem ficar presos a outros: uns seguem um caminho veloz; outros têm de seguir um caminho o mais ponderado possível — e a ponderação poderá exigir mais tempo. Temos de fazer as coisas quando existe oportunidade, e ainda que não fiquem concluídas outro mandato com certeza se seguirá e será para concluir. Se um projeto está em marcha, deve ser continuado a seguir, normalmente não iniciamos projetos novos quando iniciamos um mandato. Apresentamo-nos a sufrágio com um conjunto de projetos, procuramos concluí-los, mas há sempre coisas para aperfeiçoar. Este é um trabalho permanentemente inacabado.

Relações inexistentes com o SBN

P — O que esta Direção vai priorizar num mandato de transição?

R — Há uma coisa que temos claramente de priorizar e estamos a investir muito nisso: o sindicato nacional. É um projeto com muitos anos, que teve muitas convulsões nos últimos dois. Já se percebeu que nem todos estavam imbuídos do mesmo espírito. Sou um adepto da continuidade evolutiva, mas quando não é possível, entre evoluir numa forma enviesada ou fazer uma rutura, há momentos em que é preciso fazer ruturas. Temos um projeto de sindicato nacional, mas dos cinco Sindicatos da Febase um entendeu ficar de fora.

P — As relações estão crispadas?

R — Não podem estar crispadas relações que não existem. Quando se escolhem outros caminhos, outros parceiros, outras estratégias que não são aquelas que os outros quatro entendem ter, seguramente estamos em caminhos diferentes e estamos em caminhos que neste momento se afastam e previsivelmente não se encontrarão.

Por nós sempre teriam sido consultados os sócios sobre a escolha de outros parceiros, mas cada um sabe de si. É que quando a filiação numa federação depende da decisão de um órgão alargado, o seu abandono também dependerá e, por consequência, a aproximação a outros sindicatos também. É esse o entendimento que tenho sobre a matéria.

O que lamento é que o SBN poderia ter abandonado o projeto há dois anos, quando solicitou

algumas alterações estatutárias para estar de acordo com o projeto — e ainda assim, depois das alterações aceites, entendeu manter-se fora. Teria sido mais leal ter dito que não estava em condições, que não queria, e os outros quatro sindicatos teriam iniciado este caminho muito mais cedo e não estariam hoje com mandatos de transição, tudo teria sido resolvido no mandato anterior.

P — O projeto de estatutos do futuro sindicato vai sofrer alguma alteração devido à saída de um dos parceiros?

R — Tem mesmo que sofrer, os estatutos estavam feitos para um universo de cinco sindicatos. Não está em causa o âmbito geográfico, pois os dois sindicatos dos seguros que integram esta nova solução são de âmbito nacional e seria impossível ter uma abrangência nacional para os seguros e outra para a banca.

A questão de a sede ser em Lisboa foi muito elençada e focada, mas para nós não é determinante. Em primeiro lugar, há coisas que nunca deixarão de ser em Lisboa: nunca deixaremos de ter o hospital nos Olivais ou o Centro Clínico no Bairro Azul. Não são transportáveis, os edifícios por si próprios e os 75% da população do SBSI que está no losango Setúbal-Sintra, Vila Franca-Cascais. E os seguros concentram-se no mesmo eixo.

Ou seja, a localização da sede desde sempre foi aceite por todos que seria em Lisboa, tal como é a sede da Febase, e foi com enorme espanto que depois de se ter concordado que a pergunta a submeter aos sócios fosse a mesma para os cinco sindicatos um deles, o do Norte, pergunta se concorda com a extinção do seu sindicato e a filiação de todos num sindicato com sede em Lisboa. Transformaram a localização da sede na grande questão, depois de durante anos e anos a considerarem decidida.

P — No caso do setor bancário, sem o SBN não será difícil alargar o âmbito geográfico?

R — Podemos colocar a pergunta ao contrário: seria melhor com o SBN? Eu diria que sim. Se é pior assim, não sei. Quando vemos os acessos dos nossos associados fora do nosso território, vemos que estamos por todo o lado. Ou seja, há pessoas em todo o lado que confiam em nós.

Mais Sindicato

P — Já se sabe qual vai ser o nome do novo sindicato?



R — Ainda não está completamente aprovado, mas tudo aponta que será “Mais Sindicato”. Porque será mais abrangente, mais forte, mais competente, mais protetor, mais tudo aquilo que se quiser.

Ao longo dos anos, os sindicatos têm tido no nome aquilo de que são constituídos e por vezes resultam nomes complicadíssimos que ninguém lê. Com bancários, consultoras, seguros, informáticos e todos que de forma direta contribuem para o produto financeiro não conseguimos encontrar um acrónimo que tenha alguma legibilidade.

Por tudo isso se entendeu que seja MAIS.



P — Há algum problema que esta Direção queira resolver enquanto SBSI, antes da transformação?

R — Se me perguntar que coisas estão em marcha, ao invés de me perguntar se queremos muito fazer coisas antes de o SBSI ser um sindicato nacional, não, não temos pressa nenhuma, estamos muito confortáveis com as nossas contas, com os nossos recursos. Se gostávamos de ter mais? Sim, gostávamos. Se tivéssemos mais repartíamos mais, mas repartimos tudo, devolvemos tudo. O valor dos benefícios que distribuímos no SAMS é superior ao valor das contribuições, o que só é

possível graças à margem de exploração dos nossos serviços de saúde.

P — O terceiro mandato vai dar passagem a um quarto?

R — Ainda agora começou este! Não tenho dúvidas nem certezas, não fiz projetos relativamente a isso, porque entendo que esta atividade deve ser dinâmica. E se há alguma coisa em que aposto de forma muito clara é na renovação do setor e na renovação do sindicalismo. Quando este mandato acabar, terei perto de 68 anos, já estou além da idade de reforma.

Neste momento estou a pensar fazer duas coisas com muita determinação: primeiro, sindicato nacional. A Comissão dos Estatutos tem trabalhado intensamente na sua revisão e o processo está adiantado, não faltará muito para que possa ser divulgado aos associados. Queremos fazer um Congresso dos Estatutos em outubro e que permita, no fundo, concluir o processo do sindicato nacional. Neste momento, o sindicato nacional já não é fazer, é concluir. Esse é o primeiro objetivo. O outro objetivo, obviamente, é dar lastro ao Mais Sindicato, consolidá-lo para ultrapassarmos bem o período de transição, que seguramente não será fácil. ■

“Não somos o sindicato dos trabalhadores”

P – Existe um conflito entre o SBSI enquanto empregador e as estruturas dos seus trabalhadores. Porquê?

R – Sim, existe. Somos um sindicato, mas não o sindicato dos trabalhadores do SBSI. Somos, sim, um empregador que assegura emprego de muita qualidade, com remunerações muito acima da média no setor.

P – Quando diz do setor refere-se ao da saúde? É onde existe o maior conflito.

R – Sim, o setor da saúde, o conflito é só aí. É muito simples explicar: todos os nossos trabalhadores auferem rendimentos muito superiores ao mercado das áreas em que se inserem – mesmo os trabalhadores administrativos tout court. As nossas convenções coletivas relativas aos trabalhadores administrativos são superiores aquela que é considerada a melhor no mercado, a da EDP.

Dos mais de 1.500 trabalhadores do Sindicato, mais de 1.300 trabalham apenas para a saúde. Temos uma Unidade de Serviços Partilhados (USP) com 120 trabalhadores, cuja forma de alocação dos custos é 85% para o SAMS e 15% para a ati-

vidade sindical. E somos francamente generosos relativamente às condições de trabalho.

P – Então por que existe este conflito?

R – A grande conflitualidade entre nós e os sindicatos deve-se a um conjunto de cláusulas da contratação coletiva do setor bancário que foram vertidas para os IRCT dos nossos trabalhadores da saúde. Não fazem sentido e estão hoje a ser interpretadas de uma forma que permite litigância permanente contra o SBSI. Ou seja, algumas das regras que as Direções da altura entenderam ser favoráveis aos nossos trabalhadores estão hoje a ser utilizadas contra nós, por abuso de interpretação. Se os IRCT em vez de regularem as relações de trabalho aumentam a litigância, seguramente estão desadequados e isso tem de ser corrigido.

P – Como sindicalista, deve considerar natural que os sindicatos defendam os seus trabalhadores, do mesmo modo que o SBSI defende os bancários?

R – Não tenho a menor dúvida acerca disso. Os sindicatos têm de fazer o seu trabalho; nós, enquanto empregadores, temos de fazer o nosso.

P – E o empregador que simultaneamente é sindicalista não encontra uma forma de atuação diferente?

R – O problema maior é que sempre estivemos dispostos a negociar. O SBSI negociou com a banca pelos bancários e quis negociar como empregador. A dificuldade não está em nós, mas nos que não querem negociar. Cabe-nos sempre defender o SBSI e o SAMS, os sócios, beneficiários e trabalhadores da voracidade e falta de escrúpulos associados a uma intransigência absoluta que impedem entendimentos.

Denúncia

P – Como se sente quando toma atitudes que critica nos bancos?

R – Ainda está por saber que atitude tomámos que seja diferente das que tomámos nos bancos. Relativamente à denúncia da contratação coletiva, é muito simples. Apresentámos uma base de contratação coletiva que nos aproximasse, enquanto prestadores de cuidados de saúde, do que existe no mercado em Portugal. Fizemos



Dos ténis de cor

P – Por que deixou de fumar?

R – Já tinha fumado durante 44 anos e achei que estava a arriscar ter uma doença daquelas muito aborrecidas. Passei por essa experiência com a minha mãe, que nunca fumou, e foi muito duro. Pensei que se pudesse poupar os meus filhos, a minha mulher e os meus amigos a essa experiência valeria a pena deixar de fumar. Não sei se fui a tempo, mas estou muito satisfeito de ter deixado de fumar há cinco anos.

P – Foi difícil?

R – Deixar de fumar é um teste à nossa teimosia. Tenho muitas saudades, sinto muita vez a falta dos cigarros, mas passo bem sem eles. Passei a ter uma vida mais saudável. Agradeço muito à médica do SAMS que me ajudou a deixar de fumar, que teve uma paciência extraordinária.

res do SBSI”

tudo para negociar, pois não queremos os trabalhadores sem contratação coletiva.

No entanto, os sindicatos tomaram uma posição inflexível, dizendo não à nossa proposta: pretendiam manter o que há e ainda acrescentar mais. O que os sindicatos querem não é possível, até porque um conjunto de cláusulas alimenta uma litigância permanente.

A cláusula do melhor vencimento, por exemplo, é absolutamente aberrante, nunca suscitou qualquer questão no setor bancário, mas tem servido de litigância permanente com os sindicatos dos nossos trabalhadores, que com uma interpretação absurda põem o SBSI em tribunal duas, três vezes por semana. Fica ainda por explicar por que é que a contratação que subscrevem com outros é boa ou muito boa e connosco é má ou muito má.

P — São essas as cláusulas que pretende retirar?

R — Essas e outras, naturalmente. Não podemos diminuir os rendimentos dos trabalhadores, decorre da lei, e nem isso está em causa.

Com SAMS, sem complementos de reforma

P — Então o que está em causa?

R — A questão do SAMS, por exemplo. Quando negociamos SAMS para os trabalhadores bancários, os advogados dos empregadores referem com muita frequência o universo dos empregados do SAMS. Devo dizer que não há problema nenhum com os encargos que o SBSI tem relativamente ao SAMS dos seus trabalhadores, o sistema é absolutamente autossustentável. Mas os sindicatos também vão ter de dizer que tipo de SAMS querem.

A aplicação automática de regras derivadas do setor bancário só são entendíveis quando não há contratação coletiva e resultarão sempre da vontade do empregador.

E há mais coisas que não são comportáveis. Por exemplo, os complementos de reforma, uma ideia criada em tempos, com muita generosidade por parte dos sindicalistas do SBSI. A partir do momento em que a contratação coletiva levou a que a majoração fizesse parte integrante do ordenado, deixou de fazer sentido haver complemento de

pensão. Porque os 11 ou 12% que o SBSI integrou nos salários dos trabalhadores para que tenham uma pensão relativa aos mil euros que ganhavam e não aos 1.110€ que hoje têm devido à majoração já lhes dá uma pensão mais alta. A majoração passou a integrar o ordenado nos cálculos para a pensão e os descontos para a Segurança Social passaram a ser feitos sobre os 1.110€ e não sobre os mil. E uma majoração da pensão não é compatível com, ainda, um complemento de pensão.

O clausulado tem de ser limpo destas cláusulas, que incrementam a litigância e consomem recursos em termos de provisionamento futuro que não podemos assegurar, pois havendo cada vez menos bancários, o nosso número de trabalhadores não desceu. Quando vim para o Sindicato, as contribuições obrigatórias eram mais de 100 milhões de euros; neste momento são 85 milhões. Temos de ter um sistema equilibrado e sustentável, que garanta um emprego de qualidade a todo o nosso universo — e é isso que estamos disponíveis para manter; não estamos nada disponíveis para assumir compromissos que não possamos cumprir. ■

ida à gravata de deputado

Conseguí e estou muito satisfeito, aconselho toda a gente a deixar de fumar.

P — Compensou a falta de tabaco com exercício físico?

R — Acho que sim, embora já corresse alguma coisa quando fumava. Agora faço 8 km numa hora, de manhã cedo. Tenho muito prazer, faz-me muito bem à cabeça aquela hora só comigo. Os ténis e os calções vão comigo para todo o lado, gosto de experimentar percursos diferentes dos habituais, mesmo noutros países. Fazer isto foi para mim uma grande vitória e só possível por ter deixado de fumar.

P — Como é ser avô?

R — É uma grande felicidade. No momento só tenho uma neta, mas em breve vou ser “bi-

-avô”, e espero que o meu filho também venha a ter filhos.

Para mim ser-se avô é sentir que temos futuro e ser neto é saber-se que temos passado. E o passado não são só os avós, é também dizermos-lhes qual é a nossa história, o que fizemos da vida. Assim eu consiga passar-lhes os valores e os princípios que os meus pais me transmitiram. Cabe aos avós contribuir para a construção de uma geração melhor.

P — Ser deputado é muito diferente de ser sindicalista?

R — Não, o objetivo é tentar fazer pelo outro o melhor que somos capazes. Ambas as missões são difíceis, exatamente porque mexem em interesses instalados e têm de ser muito ponderadas e comedidas. Como sindicalista ou deputado, não

podemos mentir, não podemos assumir compromissos que não possamos cumprir, não podemos enganar as pessoas — a menos que se enverede pela demagogia tão própria dos que nunca terão de governar, dos que nunca negociaram coisa nenhuma a favor dos que representam e se limitam a subscrever o trabalho de outros, desvalorizando-o simultaneamente. Quer a nível sindical, quer a nível parlamentar os exemplos são conhecidos.

Como se faz este exercício quando existe combate político? Devo confessar que às vezes é difícil.

A melhor maneira de atuar é levar tudo muito a sério e não vacilar no que temos de fazer. É para isso que estou cá, tanto no Sindicato como no Parlamento: para fazer pelos outros o melhor que posso e sei. ■



Arte em exposição no SBSI

Os trabalhos dos cursos de expressão artística do GRAM estiveram em exposição entre os dias 3 e 7 de junho. No primeiro dia, a inauguração encheu a Sala Cinzenta do Sindicato

Todos os anos, o GRAM organiza uma exposição de trabalhos artísticos que os alunos produzem durante os vários cursos. Em 2019, a mostra decorreu de 3 a 7 de junho, na sede do SBSI. A inauguração contou com a presença de vários membros da Direção e foram muitos os que visitaram a exposição ao longo da semana. Neste espaço foi possível ver trabalhos dos cursos de Desenho; Encadernação e Restauro de Livros;

Pintura em Aquarela, Acrílico e outros; Pintura em Porcelana; Restauro de Louça; Registos; Vitral e Fusing; Restauro de Madeira e Técnicas de Pintura.

Dinamizar

A inauguração da exposição, que ocorreu ao final da tarde de dia 3, contou com a presença do presidente Rui Riso e de vários membros da Direção.

A coordenadora do GRAM, Cristina Trony, juntamente com os restantes elementos, Teresa Pereira e Eugénia Silva, deu os parabéns aos formandos e formadores pelos trabalhos expostos, mostrando-se satisfeita por ver a exposição a decorrer novamente na sede. “Esta exposição acaba por ser o motivo de visita de muitos sócios ao nosso Sindicato, de visitarem a nossa casa que é um bocadinho a casa de todos”, referiu.

A coordenadora apelou a que mais pessoas possam juntar-se aos cursos do GRAM. “Queremos que estejam mais pessoas, convidem os vossos colegas. Apesar de saberem que há cursos aqui no Sindicato muitas vezes o passa-palavra é muito melhor, não há nada como uma palavrinha de um sócio que já cá anda para ser um incentivo para outros participarem”.

A terminar, Cristina Trony deixou o desafio de uma maior dinamização, com a criação de mais cursos. “Queremos ir ao encontro das vossas necessidades, daquilo que os sócios anseiam”.

Futuro

Também Rui Riso não poupou nos elogios aos trabalhos expostos, referindo que a presença das pessoas neste projeto é essencial. “Estamos cá para que as coisas tenham vida e o que permite que estes cursos tenham vida é a vossa presença, a maneira como se dedicam e as coisas bonitas que fazem porque têm vontade de fazer, de aprender, de apurar as vossas capacidades. Isso para nós é um grande regozijo”.

O presidente do SBSI explicou que o Sindicato é constituído por todos e que o que conta é o futuro. “É o futuro que nós projetamos e projetamos também convosco, com todos aqueles que construíram esta casa, que lhe fizeram esta forma e que também se permitem mantê-la com esta vida”.



Cocktail com direito a bolo

No final dos discursos, os presentes foram convidados para uma pequena confraternização onde nem faltou um bolo de aniversário oferecido pelo GRAM. Maria da Graça Cravo, monitora do curso de Pintura em Porcelana, comemorou naquele dia mais uma primavera e todos tiveram oportunidade de lhe cantar os parabéns.



Rui Riso rejeitou a ideia de que a Direção não pensa nos trabalhadores reformados. “Não é verdade. Pensamos a cada dia, a cada momento, sabemos o que temos a fazer, as lutas em que estamos envolvidos, sabemos que cada vez que conseguimos alguma coisa para os ativos conseguimos igual para os reformados, sabemos que passamos um percurso muito difícil nos últimos anos no setor financeiro e também no nosso Sindicato, sabemos que cada vez somos menos, temos consciência de tudo isso”.

Igualdade

O presidente falou ainda sobre a questão da igualdade de género, bem como da problemática da violência doméstica. “Enquanto houver uma mulher subalternizada nunca cumprimos a nossa

missão, que é permitir que haja uma sociedade perfeitamente igual em que todos se considerem iguais. Sabemos as histórias que se têm contado, os anos têm sido negros relativamente à violência doméstica. Também conto convosco para que deem substância a este nosso desejo de se praticar uma verdadeira igualdade de género”.

Rui Riso referiu que os cursos do GRAM são um bom exemplo de igualdade, apelando também a uma maior participação. “Os homens podem participar nos cursos que são produzidos pelo GRAM tal como participam as mulheres e isto é igualdade plena. Há aqui necessidade de outro tipo de participação, que é nós conseguirmos produzir ideias e atrairmos mais pessoas para engrossarem este grupo, para que estas coisas nunca acabem. Apresentem novas ideias, façam desafios, provoquem-nos porque nós estamos aqui disponíveis para isso”, concluiu. ■

Exposição eclética

Foram muitos os cursos e alunos que fizeram parte desta exposição do GRAM. Entre parêntesis estão o nome dos monitores.

Desenho (Marta Jesus Silva): Maria Rocha, Maria Sobral, Maria Gonçalves, Vítor Ferreira, Maria Prata, Helena Gil e Clotilde Almeida;

Encadernação e Restauro de Livros (Paula Pires);

Pintura em Aquarela, Acrílico e Outros (Esmeralda Leal): Ana Marques, Maria Santos, Maria Pequito, Maria Ferro, Maria Soares, Maria Xarez, Maria Fernandes, Marina Fonseca e Vigília Lopes;

Pintura em Porcelana (Maria da Graça Cravo): Maria da Graça Cravo, Maria Andrade e Esmeralda Barralo;

Restauro de Louça (Maria Conceição Pereira): Ana Pessoa, Beatriz Fragoso, Elisa Franco, Francisco Oliveira, Jerónima Ramalho, João Carmona, João Baêna, Maria Alpalhão, Maria Marques, Maria Silva, Maria Miranda, Maria Gonçalves, Maria Perry, Maria Júlio, Maria Santos, Maria Arez, Maria Semião, Maria Gaspar, Maria Ferreira, Maria Fonseca, Maria Rito, Maria Gomes, Maria Amaral, Nuno Aniceto, Paulo Guerra e Raffaella Aurino;

Registos (Fátima Simão): José Lameira, Maria Marques, Maria Gama, Maria Cravidão, Maria Gomes, Maria Almeida, Maria Condeixa, Maria Mascarenhas, Maria Lucas e Rosário Capitão;

Restauro de Madeira (Fátima Simão): Dimas Lima, Fernanda Dias, João Neves, João Carmona, José Nunes, Luís Gomes, Manuel Alveirinho, Maria Jesus, Maria Pereira, Nuno Aniceto e Paulo Viana; Técnicas de Pintura (Ângela Dias): Alberto Queiroz, Fernando Fragoso, Francisco Pacheco, João Cova, Maria Correia, Maria Gonçalves, Maria Oliveira, Alfredo Almeida, Maria Gomes, Maria Silva, Maria Xerez e Melícia Alves;

Vitral e Fusing (Victor Cravo): Maria Ramos, Noémia Rosa, Cidália Simões e Maria Botica.

Ações de formação regressam em setembro

O Pelouro da Formação está a ultimar o calendário formativo
Novas temáticas estarão disponíveis
Cursos de grande impacto terão atualizações



- Equilíbrio vida pessoal/profissional
- Low stress
- Plano de ação para uma vida ativa
- Comunicar com o cliente
- Negociação e gestão de conflitos
- Liderar e motivar equipas
- Gestão do tempo
- Comunicação eficaz
- Compliance
- Recuperação de crédito
- Línguas estrangeiras

Os sócios que pretendam ver abordados novos temas poderão enviar as suas sugestões ao Pelouro da Formação através do e-mail: formacao@sbsi.pt

Como a desunião europeia está a fragilizar a zona euro



O fracasso em partilhar de forma conveniente os riscos na arquitetura da zona euro tem vindo a gerar desconfiança, o que se reflete em spreads soberanos. Os especuladores, mestres na manipulação deste instrumento, lucram cada vez mais enquanto o cenário macroeconómico dos países-membros, em especial os periféricos, deteriora-se a passos largos. Esta é a opinião de Marcello Minenna, professor universitário e coordenador da unidade de análise quantitativa da Comissão de Valores Mobiliários de Itália, cujo artigo republicamos nesta edição



MARCELLO MINENNA

Há numerosos casos em que as forças de mercado conseguiram que um banco central se compromettesse com a defesa da taxa de câmbio da sua moeda. Ataques especulativos, quando adequadamente calibrados, podem ser tão perturbadores a ponto de influenciarem as decisões de política económica de um Estado. Exemplos recentes incluem o fim do Sistema Monetário Europeu em 1992, com o crash da lira italiana e da libra esterlina, a desvalorização do yuan, a dissociação do franco suíço em relação ao euro e, finalmente, a crise (ainda em curso) da lira turca.

Desequilíbrios*

Num sistema mais ou menos rígido de taxas de câmbio fixas, o banco central opera no mercado aberto ao modificar o seu stock de reservas de moeda estrangeira para manter o valor da sua moeda num determinado nível. Enquanto a credibilidade deste compromisso não for questionada, a autoridade monetária mantém essencialmente o controlo da oferta monetária. A longo prazo, no entanto, a taxa de câmbio fixa tende a causar desequilíbrios persistentes nos fluxos financeiros e comerciais, uma vez que apenas uma taxa de câmbio flexível pode garantir o equilíbrio nas contas com os países estrangeiros. Se os investidores começarem a duvidar que o banco central tenha recursos suficientes para defender a taxa de câmbio, ou vontade política de o fazer, eles podem testar a resiliência da paridade através de ataques especulativos.

O exemplo típico é o de uma moeda que o mercado considera sobrevalorizada: os investidores começam a descontar a moeda no mercado internacional de câmbio, produzindo uma pressão descendente sobre a taxa de câmbio. O banco central pode tentar contrariar esta pressão aumentando artificialmente a procura pela sua própria moeda através da venda de moeda ►

► estrangeira — da qual, no entanto, tem reservas limitadas (obtidas principalmente através de um superávit na balança comercial ou entradas de capital). Portanto, se a pressão descendente for suficientemente persistente, a autoridade monetária pode ser forçada a ceder. A taxa de câmbio afunda e começa a flutuar livremente, dependendo dos pedidos de compra e venda dos operadores.

Trilema

No início dos anos 60, Mundell e Fleming formalizaram essa questão com um trilema: uma taxa de câmbio fixa, uma mobilidade de capital perfeita e uma política monetária independente são uma trindade impossível. É, portanto, essencial tomar decisões políticas que alinhem a estratégia de lucro dos mercados com a criação de valor para a comunidade.

Pensemos nas origens do euro. Na segunda metade dos anos 90, foram tomadas uma série de decisões regulatórias, incluindo a atribuição de um peso de risco zero a todos os títulos de governo da zona euro: as dívidas públicas dos vários Estados-membros eram consideradas bens perfeitamente intercambiáveis e isentos de risco.

Essa configuração regulatória foi um sinal claro para os mercados, onde os investidores co-

meçaram a esperar que a nova área monetária se baseasse na partilha de risco e na ausência de spreads entre os rendimentos dos títulos de governo dos países membros. Consequentemente, os especuladores apostaram na convergência para uma curva de taxa de juro única, implementando negociações de convergência — comprando dívida pública de países periféricos e vendendo-a como de países centrais, para obter grandes lucros com o fecho esperado das suas diferenças de rendimento. Essa “intermediação de base ampla” não representou um ataque especulativo, mas um apoio importante que acelerou o processo de convergência e aumentou a resiliência da zona euro.

Especulação

As decisões políticas sobre o euro incluíram a escolha de uma taxa de câmbio flexível em relação ao resto do mundo — enquanto, em 1999, foi estabelecido um equivalente em euros para cada uma das moedas dos países que se preparavam para ingressar na união monetária.

Ao longo do tempo, essa fixação fomentou crescentes desequilíbrios na balança de pagamentos e a nível estrutural, que contribuíram para enfraquecer o cenário macroeconómico e de

finanças públicas de alguns países. A erupção da crise — juntamente com as declarações políticas que afastaram cada vez mais a partilha de riscos na arquitetura da zona euro — levou a ataques especulativos muito semelhantes aos descritos acima contra um regime de taxa de câmbio fixa.

Desta vez, porém, em vez da moeda teoricamente sobrevalorizada, os especuladores venderam enormes quantidades de títulos de países periféricos, obrigando os governos a pagar um prêmio de risco mais elevado, conforme expresso pela ampliação do diferencial de rendimento entre os seus títulos de dívida pública e o dos alemães.

No contexto de uma economia financiada, esse diferencial significa um custo diferente do dinheiro (o euro) para qualquer país membro, o que, por sua vez, tornou os empréstimos interbancários proibitivos para bancos localizados na periferia.

Sob essas condições, partilhar a moeda torna-se uma mera formalidade. Não por acaso, em *The Incomplete Currency*, que explora a arquitetura financeira do euro, relato os resultados de uma análise quantitativa que explica como o spread representa de facto a taxa de câmbio entre as “moedas-sombra” nacionais (euro-lira, euro-marco, euro-peseta, euro-franco, etc.) dos membros da zona euro.



Saldos Target2

Dada a participação comum na união monetária, não há transferências de reservas entre os bancos centrais nacionais (BCN) da zona euro para regular os movimentos destas “taxas de câmbio sombra”. No entanto, existe uma mudança virtual de reservas entre os países membros, relacionada com a dinâmica de spread capturada pelos saldos Target2 dos BCN.

O Target2 é um sistema de pagamentos interbancários transfronteiriços da zona euro: na ausência de um mercado interbancário funcional, qualquer liquidação de uma transação entre dois bancos, residentes em diferentes Estados-membros, é registada na conta Target2 do respetivo banco central nacional.

Por exemplo, se um banco italiano compra uma obrigação de um banco alemão, a liquidação dessa transação gerará uma responsabilidade Target2 para o Banco da Itália e uma reivindicação Target2 para o Deutsche Bundesbank. Neste exemplo, os dois bancos centrais exibem o maior défice e excedente do Target2, respetivamente – quase 500 mil milhões de euros para o Banco da Itália e quase 900 mil milhões de euros para o Bundesbank.



Consequências

O Target2 não estabelece limites para o tamanho dos saldos dos países membros: admite um crédito a descoberto ilimitado entre os BCN da zona euro. A crise financeira global levou os mercados a “testarem” a resiliência dessa estrutura sob stress.

Com a liderança política europeia a deixar clara a sua relutância em assumir uma partilha concreta de riscos para administrar a crise, os desequilíbrios do Target2 e os spreads soberanos aumentaram através de dois canais.

Primeiro, a desalavancagem por parte de investidores profissionais das suas exposições a governos periféricos provocou uma deterioração significativa do saldo do Target2 em países como a Itália, devido ao colapso dos investimentos estrangeiros em ativos do seu setor público. Por outro lado, impulsionou o spread – o prémio de risco exigido pelos agentes do mercado para comprar títulos de países periféricos.

Em segundo lugar, a fuga de capitais para os países do norte e do centro da zona euro estendeu-se também aos investidores residentes no sul da zona euro, que venderam títulos emitidos por governos nacionais para comprar ativos no es-

trangeiro – produzindo uma pressão ascendente sobre os spreads soberanos e, ao mesmo tempo, um efeito negativo no saldo do Target2 do seu banco central.

A ligação entre os saldos e spreads do Target2 não deriva apenas da dinâmica financeira, mas também comercial – mesmo que indiretamente. Num sistema centrado em bancos, os spreads de rendimentos e, de modo mais geral, uma crise de crédito elevam o custo financeiro da produção. Daí uma perda de competitividade que se reflete negativamente na conta corrente e, portanto, no saldo do Target2.

O resultado é uma zona euro presa num clima de desconfiança – bem reconhecido pelos investidores – no qual os saldos do Target2 e os spreads de rendimento persistentes acabam a imitar com precisão as transferências de riscos dentro da área da moeda única.

União

Enquanto a Europa não mostrar aos mercados sinais claros de que pretende implementar políticas concretas de partilha de riscos, os spreads soberanos permanecerão e os especuladores continuarão a lucrar ao apostar na sua persistên-

cia. Essa intermediação pulverizada, diferente da que sustentava o nascimento do euro, pressupõe divergências entre as taxas de juros dos países membros e, portanto, alimenta os desequilíbrios macroeconómicos, dificultando a redução dos riscos globais na zona euro. De facto, os riscos mudaram em vez de caírem.

O euro introduziu um novo paradigma onde um sistema cambial fixo e evoluído existe formalmente entre os Estados-membros, ainda que, pelo menos em termos financeiros, seja flanqueado por uma espécie de regime cambial flexível entre as “moedas-sombra” nacionais. Embora pareça implausível que a disseminação por si só possa tornar-se um fator para a dissolução da moeda única, a história recente da união monetária mostra que o euro não foge às regras do mercado e ao risco de ataques especulativos, como indica o trilema Mundell-Fleming.

E, na verdade, à luz da ascensão de forças populistas nos últimos anos, surge outro trilema – o de Rodrik, que alega a impossível coexistência da democracia, da soberania nacional e da globalização. ■

**Subtítulos da responsabilidade da Redação*



Concerto de Coros Bancários

A voz da palavra

Canto e declamação juntaram-se no V Concerto de Primavera e da Poesia e cativaram os ouvintes

INÊS F. NETO

O belo salão nobre da Academia de Ciências de Lisboa foi novamente palco do Concerto de Primavera e da Poesia por Coros Bancários, agora na sua quinta edição, que decorreu a 19 de maio.

Mais uma vez casa cheia para apreciar os seis grupos corais que atuaram.

A declamação de poesia esteve outra vez a cargo de Celestino Silva e Susana Sofia Ribeiro, a quem

se juntaram Orlando Brogueira Rolo e Maria José.

Os coros apresentaram o público com um repertório bastante diversificado, em que se destacaram os temas tradicionais portugueses, de Elvas aos Açores, do Alentejo ao Minho, passando ainda pela Beira Baixa e pela Estremadura — e não faltaram Zeca Afonso e Lopes Graça. Presentes também temas estrangeiros, desde um tradicional zulu à canção napolitana e francesa.

Destaque ainda para algumas coincidências nos reportórios, o que levou à interpretação conjunta. O primeiro momento foi a partilha de “Ay, Linda amiga”, canção do séc. XVI, cantada pelos coros do SBSI

e do Millennium bcp, sob direção do maestro Pedro Miguel. O segundo “encontro” de vozes aconteceu entre os coros do Banco de Portugal e do Santander Totta, que dirigidos pelo maestro Diogo Pombo interpretaram “Trai, trai”, um tema tradicional do Minho, com arranjo de Manuel Faria.

Tradição

O primeiro a atuar foi o Coro do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, dirigido pelo maestro Sérgio Fontão. Além da peça de conjunto com o Coro do Clube Millennium bcp “Ay, Linda amiga”, in-





interpretou ainda o tema açoriano “Chamateia”, “Pastorinha”, de César Morais, e “Balaio”, canção popular brasileira num arranjo de Heitor Villa-Lobos.

O Coro do Clube Millennium bcp continuou então com “Venid a sospirar al verde prado” e “A la villa voy”, ambos do Cancioneiro de Elvas; “Esta Tierra”, de Javier Busto, com o maestro Pedro Miguel ao piano, um tema lindíssimo que mereceu “bravos” da plateia; e despediu-se com “Syahamba”, canção tradicional zulu.

Tempo então para o primeiro momento de poesia, com Susana Sofia Ribeiro a dar voz e vida ao “Poema para Galileu”, de António Gedeão.

O programa sofre então uma mudança, de forma a acomodar o segundo tema de conjunto, interpretado pelos corais do Banco de Portugal e do Santander Totta.

O Coro do Grupo Desportivo e Cultural do Banco de Portugal, sob direção do maestro Sérgio Fontão, interpretou “Ce mois de mai”, de Clément Janequin, prosseguindo então em português com “Senhora do

Almurtão” e “Vira do Minho”. Dirigido agora por Diogo Pombo, terminou com a peça de conjunto “Trai, trai”.

O Coro do Grupo Desportivo do Santander Totta prosseguiu então sozinho, sob a batuta de Diogo Pombo, que também esteve ao piano. O coro interpretou “Maria da Conceição”, com arranjos de Fernando Lopes Graça, seguindo com “O milho da nossa terra” (Beira Baixa) e terminando com “Marche des soldats de turenne”.

A poesia voltou à sala, desta vez com Orlando Brogueira Rolo e Maria José.

Solos

Seguiu-se o Coro do Grupo Desportivo e Cultural do BPI, dirigido pelo maestro José Eugénio Vieira e acompanhado ao piano por Nataliya Kusnyetsova.

Depois do magnífico “Coro di Crociati e Pellegrini”, de Giuseppe Verdi, seguiram-se “Olhos Negros”, “Saudade de São Miguel”, “Balada de Outono” (de Zeca Afonso) e a canção napolitana “Funiculí, Funiculá”, temas que possibilitaram aos três solistas interpretações impressionantes.

E logo chegou o terceiro e último momento de poesia, agora pela voz de Celestino Silva.

Até novembro

O próximo espetáculo do calendário coralista do SBSI é o XXVII Concerto de Coros Bancários, a 9 de novembro, às 16h00, no Colégio São João de Brito, em Lisboa.

- 1 – Coro do Clube Millennium bcp
- 2 – Coro do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas
- 3 – Grupo Desportivo e Cultural do Banco de Portugal
- 4 – Coro do Grupo Desportivo Santander Totta
- 5 – Coro do Grupo Desportivo e Cultural do BPI
- 6 – Grupo Coral dos Serviços Sociais da CGD

Homenagem

O espetáculo terminou com a prestação do Grupo Coral dos Serviços Sociais da CGD, dirigido por João Pereira. Desta vez apostando totalmente na música nacional, o coro presenteou o público com outra interpretação de “Balada de Outono”, de Zeca Afonso, prosseguindo com três temas tradicionais: “O bordado do meu lenço” (Alentejo), “Fiando o linho” (Minho), com arranjos do maestro Jaime Silva “barcarena” e “Não vás ao mar, Toíno” (Estremadura), com arranjos do maestro António Leitão, que durante anos abrilhantou os concertos bancários com a sua sabedoria e boa disposição. As duas últimas, como explicou João Pereira, “cantadas a pensar neles” (os dois maestros falecidos) e que mereceram uma grande salva de palmas. ■



A palavra cortada rente

A apresentação do mais recente livro de Abdul Cadre decorreu no dia 24 de maio, na Sala Cinzenta do SBSI. O Bancário marcou presença e esteve à conversa com o autor de “A Razão das Palavras Cortadas Muito Rentes (ou outras heresias)”

“Palavras rentes para quê? Para que não se perca a essência”. Foi desta forma que a mais recente obra do Abdul Cadre, sócio n.º 29.172 do SBSI, foi apresentada pela poetisa e amiga do autor, Maria Azenha.

Em “A Razão das Palavras Cortadas Muito Rentes (ou outras heresias)”, Abdul Cadre tenta dizer o essencial no menor número de palavras possível. A inspiração teve duas fontes principais. “Carlos Drummond de Andrade dizia que escrever é contar palavras e eu aproveitei isso como um desafio. Inspirei-me também numa forma japonesa de fazer poesia conhecida como Haiku”, explicou.

Origem

Abdul Cadre confessa preferir a poesia, mas a sua escrita envereda também por outros géneros. “Também escrevo em prosa e escrevo sobretudo

ensaio. Durante muito tempo fiz umas crónicas do género má-língua”.

Abdul Cadre revela que foi no continente africano que nasceu o pseudónimo que usa até hoje. “Quando vivia em Moçambique escrevia num jornal que era a Voz Africana e não convinha publicar com o meu nome civil visto que tinha funções numa grande empresa e era contraproducente”.

Na calha estão mais obras que o autor pretende ver publicadas. “Tenho vários na forja, três de poesia, dois de contos. Outras coisas virão a seguir porque há ideias para isso”.

Arriscar

A apresentação do livro contou com a poetisa Maria Azenha, que deixou rasgados elogios à obra. “Achei o livro muito interessante. Tem a ver com a sabedoria que há por detrás de cada poema, diria que foi à manicura e pedicure dos versos, de unhas cortadas muito rentes”.

Para Maria Azenha, o autor rompe com a forma instalada de criar poesia. “Sabemos que a maior parte da poesia atual não quer correr riscos, tem medo do abismo, por isso assistimos hoje a uma poesia enjaulada, quadrada ou de gabinete. Abdul Cadre não se insere no formato vigente”, explicou.

Lendo alguns dos poemas presentes no livro, a poetisa prosseguiu nos elogios. “Aqui não há lugar para likes, são poemas a apertar o coração, cada poema é um amigo muito próximo que acalma

Ficha técnica



Título: A razão das palavras cortadas muito rentes (ou algumas heresias)

Autor: Abdul Cadre

Editores: Urutau

Encadernação: brochura

Formato: 14 x 19,5

Páginas: 66

Ano de edição: 2019

Edição: 1.ª

a alma ou a destroça e que nunca nos falte a coragem e a esperança de escrever poemas rentes.”

Toda a memória é areia,
bago a bago,
num castelo.
Vem o mar,
na maré cheia,
onda a onda,
desfazê-lo.

Abdul Cadre ■



Sobre o autor

Abdul Cadre é um poeta, ensaísta e orador de temas esotéricos, nascido em Portugal, em 1941, tendo vivido em África e residindo atualmente no Alentejo.

Tem colaboração dispersa por jornais e revistas de vários países e mais de duzentas distinções em certames.

Fundou e dirigiu duas associações literárias — NERP e ARTLE — e foi editor de várias publicações. É conferencista de temas literários, esotéricos e rosacrucianos. Tem colaborado como freelancer em vários jornais regionais portugueses.

Foi correspondente em Nampula dos jornais Voz Africana e Diário de Moçambique, e, em Portugal, diretor-adjunto d'O Almadense. Cronista regular durante vários anos dos jornais Voz do Barreiro e Jornal do Barreiro, tem atualmente mais atividade em revistas temáticas e publicações na Internet.

Tem vinte e dois livros publicados em nome individual e vários trabalhos inseridos em antologias de prosa e verso.



Classificados

Diversos

Vendo — título de férias, perpétuo, ao melhor preço. Tel: 961 156 319.

Arrendo — estacionamento cobertos: Parede: Edifício Britannia Residence — 70,00 €; Carnaxide: Av. Portugal — 50,00 €. Tel: 919 811 026.

Vendo — terreno de aproximadamente 4 ha, com casa velha (128m² de área). Junto ao Autódromo Internacional do Algarve (Portimão). Bons acessos. Tel: 966 407 206.

Karting

Domingos Coragem em primeiro

Terminada a primeira fase do campeonato regional, é o concorrente da CCAMAC quem finaliza no topo da classificação. Meia-final e final realizam-se em setembro

A quinta prova regional do 22.º Campeonato de Karting decorreu no kartódromo de Santo André, no dia 15 de maio, com 19 concorrentes em pista.

António Oliveira (SIBS) foi o vencedor da última prova da primeira fase ao alcançar 17 pontos, ele que conseguiu também a volta mais rápida. No segundo lugar terminou Luís Simões (Santander Totta), com 13 pontos, enquanto Fernando Trinca (Santander Totta) ficou com o “bronze”, ao alcançar 11 pontos. No entanto, na classificação geral, é Domingos Coragem (CCAMAC) que termina na

primeira posição, com um total de 57 pontos, deixando a larga distância o segundo classificado, Luís Simões, que conseguiu 34 pontos.

Igualmente com 34 pontos terminou Luís Mendes (Santander Totta), que assim ficou no terceiro lugar. Nuno Rosa (Millennium bcp), com 32 pontos, e Paulo Pires (IFAP), com 26, foram quarto e quinto classificados, respetivamente.

Os concorrentes apurados para a meia-final, a realizar em setembro em local a designar, transitarão com metade dos pontos obtidos na primeira fase. ■

Também é notícia



Regional de Faro no Festival Islâmico de Mértola

A Secção Regional de Faro organizou um passeio ao Festival Islâmico de Mértola no dia 18 de maio, contando com a participação de 40 pessoas. Antes de chegar a Mértola, a comitiva



algarvia almoçou na Barragem de Odeleite, seguindo depois para uma visita à vila alentejana. Por volta das 22h00, o grupo regressou a Faro.

Este tipo de atividade não se realizava há algum tempo, pelo que foi muito bem recebida pelos sócios. ■

Secção de Santarém organizou convívio piscatório

O Secretariado da Secção Regional de Santarém levou a cabo o 66.º Convívio Piscatório no dia 1 de junho, na Albufeira dos Gagos.

Destaque para o saudável convívio entre todos os participantes, num dia em que nem as altas temperaturas desmotivaram os participantes.

Na prova, a vitória foi para António Grave, seguido de Pedro Peralta. A distribuição de prémios decorreu num animado almoço-convívio, que contou com a presença dos elementos do Secretariado de Santarém e de Carlos Nogueira, do Secretariado de Tomar. O coordenador José Gameiro agradeceu a presença de todos e saudou o convívio entre os participantes. ■

King

João Roque campeão regional



O concorrente do Santander Totta venceu por uma larga margem, mas para apurar o vice-campeão foi necessário recorrer ao desempate por pontos king

A final do Sul e Ilhas do 13.º Campeonato Interbancário de King realizou-se nos dias 18 e 19 de maio, no Centro de Férias e Formação do SBSI, em Ferreira do Zêzere. Doze jogadores oriundos de Portalegre, Castelo Branco, Beja, Lisboa e Açores

marcaram presença. Destaque para o civismo, convívio e desportivismo que imperou durante todo o torneio entre vencedores e vencidos.

O grande vencedor da prova e novo campeão regional foi João Roque (Santander Totta), que finalizadas as dez partidas conseguiu 41 pontos. João Florêncio (Santander Totta) e Caetano Moço (Unicre) terminaram ambos com 30 pontos de conversão. Nestes casos o regulamento determina que prevalece o jogador que tenha obtido mais pontos king no conjunto dos jogos. Sendo assim, o vice-campeão foi João Florêncio.

Pinto Pedro (CGD) terminou na quarta posição, com 30 pontos, enquanto João Miranda (Montepio Geral) e Alfredo Cóias (Santander Totta) ficaram em quinto e sexto, respetivamente, ambos com 28 pontos. ■

Bowling

Jorge Teixeira conquista campeonato

Na final do Sul e Ilhas, o sócio oriundo do BPI foi o mais pontuado, o que lhe valeu o troféu máximo. Jorge Teixeira ajudou ainda a sua equipa a vencer coletivamente

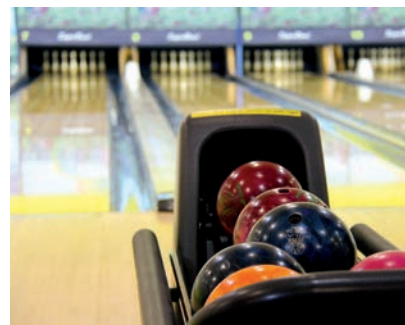
A Beloura acolheu a final regional do 12.º Campeonato de Bowling no dia 18 de maio. Vinte concorrentes marcaram presença na prova. Com um total de 1366 pontos conquistados em sete jogos, Jorge Teixeira (Ban-

co BPI) sagrou-se campeão, relegando Olinda Betten-court (Unicre) para o segundo posto, com 1355 pontos.

Pedro Proença (Oitante) foi terceiro, com 1325 pontos, enquanto Gabriel Dias (BdP), com 1313 pontos, e Eduardo Ribeiro (Unicre), com 1287, ficaram na quarta e quinta posições, respetivamente.

Além do título individual, Jorge Teixeira venceu também coletivamente, juntamente com Briano de Sousa e Rui Duque, com um total de 3253 pontos.

O BdP (Gabriel Dias, Jorge Rodrigues e Pedro Pêla) foi segundo, com 2682, ao passo que a Unicre (Eduar-



do Ribeiro, João Torres e António Delgadinho) ficou em terceiro, com 2400 pontos.

Já a equipa feminina composta por Olinda Betten-court, Helena Lourenço e Fátima Ribeiro venceu na sua categoria, com 3199 pontos.

Destaque ainda para Briano Sousa que terminou em primeira na fase regular, que antecede a final regional. ■



Convívio anual

O 37.º Encontro dos ex-empregados do Banco Standard Totta de Moçambique realizou-se no dia 4 de maio, no Parque das Nações, em Lisboa.



Fazer amigos entre os animais

A Comissão de Juventude comemorou o Dia Internacional da Criança com uma visita ao Jardim Zoológico de Lisboa. Os miúdos tiveram oportunidade de aprender, brincar e fazer novos amigos

O Dia Internacional da Criança comemora-se em todo o mundo no primeiro dia do mês de junho. Este ano, a Comissão de Juventude do SBSI comemorou a efeméride uma semana depois, no dia 8, levando ao Jardim Zoológico de Lisboa 88 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 14 anos. Foi um dia em cheio, repleto de muita animação e aprendizagem.

Aprender

A aventura começou cedo. Divididas em grupos, as crianças começaram a visita, sempre acompanhadas pelos monitores do Zoo que responderam às várias curiosidades dos petizes.

A excitação por verem de perto animais como tartarugas, macacos ou elefantes era bem visível, assim como quando visitaram o Reptilário, onde aproveitaram para aprender mais um bocadinho.

E porque aprender e brincar também dão fome, o almoço não tardou em chegar, tendo sido



servido num espaço reservado, onde também não faltou muita brincadeira à mistura.

Água e terra

Após o almoço chegou outro dos pontos altos do dia, com a visita à Baía dos Golfinhos. As crianças tiveram a oportunidade de conhecer as



capacidades físicas e mentais destes verdadeiros embaixadores dos oceanos.

De seguida foi a vez da Quintinha, onde viram de perto animais domésticos como o burro e o coelho, aprenderam sobre hortas e ficaram a conhecer vários produtos hortícolas.

Felicidade

De regresso ao espaço reservado, as crianças deliciaram-se com um gelado e brincaram um pouco mais até à chegada dos pais, que elogiaram a organização e deram um feedback muito positivo à organização.

Foi um dia cansativo mas muito recompensador para todos, em especial para os petizes.

A Comissão de Juventude, composta por Tânia Maltez, Luís Roque e João Gomes, deixaram o seu agradecimento a todos os participantes e monitores que tornaram este dia ainda mais especial. ■



Centro de Férias

Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas

Super oferta

Época especial

Para sócios e familiares do SBSI
e de sindicatos filiados na UGT e na FEBASE

5 dias 4 noites Julho e Agosto

160€ Em quarto single
(1 pessoa)

180€ Em quarto duplo
(2 pessoas)

220€ Em quarto triplo
(3 pessoas)

Inclui:

4 Noites de Alojamento com Pequeno Almoço.

Equipamentos disponíveis e atividades gratuitas:

Piscina, Jogos de Cartas, Xadrez, Damas,
Circuito de Manutenção, Consulta de Jornais Diários,
Internet Wi-Fi e Passeios Pedestres.

Atividades que implicam pagamento:

Massagens (com marcação prévia),
e possibilidade de efetuar passeios de barco.

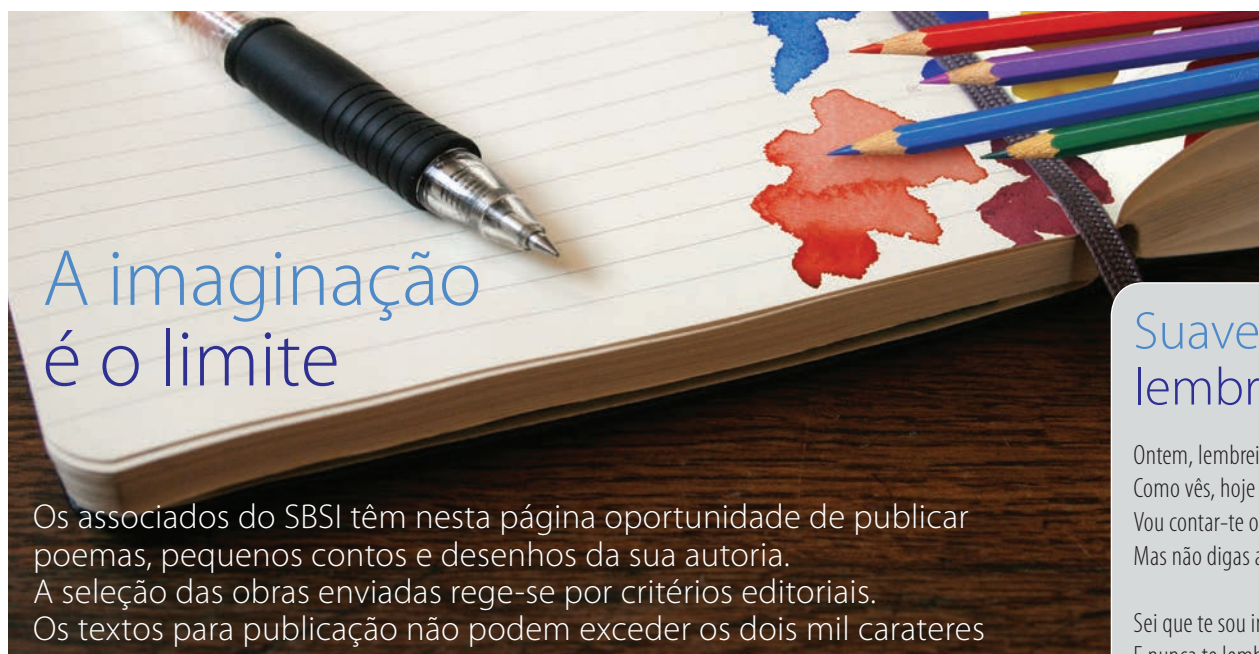


Centro de Férias e Formação

Casal do Zote – Bêco – 2240-208 Ferreira do Zêzere
Tel.: 249 360 200 – Fax: 249 360 290 – centroferias.formacao@sbsi.pt

N 39°45.978' W 8°19.001'





A imaginação é o limite

Os associados do SBSI têm nesta página oportunidade de publicar poemas, pequenos contos e desenhos da sua autoria. A seleção das obras enviadas rege-se por critérios editoriais. Os textos para publicação não podem exceder os dois mil caracteres

O último domingo de maio

Fomos votar
À tardinha, pela fresquinha
Aproveitámos para caminhar
De onde votamos vê-se o mar

Depois, as pernas pediram para descansar
Estavam cansadas de décadas a andar
Sentámo-nos junto a um parque infantil
Para saborearmos o último Domingo de Maio

Onde as mulheres e homens, de amanhã, estavam a testar as aptidões
Ficámos a contemplá-los, e a ver o mar e o sol
O sol foi descendo devagarinho até se afogar, no mar

Mas antes lacrimejou como que a dizer-nos adeus
Prometendo voltar dentro de um quarto e meio do dia
No lado oposto, pujante e brilhante
Para ir subindo e aquecendo, ao longo do dia

Resta-nos menos de um mês para o vermos, mais uns minutos, aumentar
Depois vai diminuindo até o inverno chegar
Temos o privilégio de vê-lo nascer a esfregar os olhos, antes de aparecer na totalidade
E à tarde, com tempo para vestir o pijama, antes de se deitar, no mar
Enquanto, que no Equador nasce e põe-se instantaneamente.

José Silva Costa
Sócio n.º 17296

Silhueta

Não existe visão mais bela que a visão da tua silhueta ao luar.

Quando acontece a lua cheia e as estrelas, embora presentes, se escondem no seu enorme brilho, só uma sobressai, que é a estrela imensa da tua beleza em todo o seu esplendor.

Aí sim, o brilho da lua ofusca-se completamente.
Qual aurora boreal, serpenteante, multicolor, com curvas esbeltamente torneadas, vê-se realmente a grandeza da mãe natureza quando consegue produzir semelhante ser.

Sorte dos olhos que têm o privilégio de poder observar tão grande imagem.

Neles ficará eternamente gravado o poder grandioso que consegue ofuscar o brilho da lua cheia.
Terá de ser infinitamente grande.
Terá de ser infinitamente belo.

Contemplá-la é o supra sumo do prazer infinito.
É realmente uma dádiva só ao alcance dos predestinados a conseguirem ter visões.
É o máximo.
Não existem limites.

O firmamento torna-se demasiadamente pequeno e a lua cheia transforma-se em lua nova, permanecendo tão só e tridimensionalmente, a bela silhueta.
(dedicado à mulher mais bonita do mundo)

José Carlos Venâncio
Sócio n.º 47990

Suave lembrança

Ontem, lembrei-me de ti.
Como vês, hoje também,
Vou contar-te o que senti,
Mas não digas a ninguém!

Sei que te sou indiferente
E nunca te lembras de mim.
A tua postura não mente,
Porque sempre foi assim.

Este meu drama de te amar,
Sabendo que não sou amado,
Faz no meu íntimo despertar
O desalento dum frustrado.

Só por vontade não se ama,
Tão pouco se deixa de amar,
Por isso, do amor a chama
Só tem brilho até se apagar.

Esta verdade me ensinaste,
Mas nunca te quis ouvir.
Sim, nunca me enganaste,
Fui eu que me quis iludir.

«Ontem lembrei-me de ti!»
Dito assim desta maneira,
Até parece que te esqueci,
Imagem triste e traiçoeira.

Este sentir doce e sereno,
É minha suave lembrança,
Angústia de sabor ameno,
Sensor vazio da esperança.

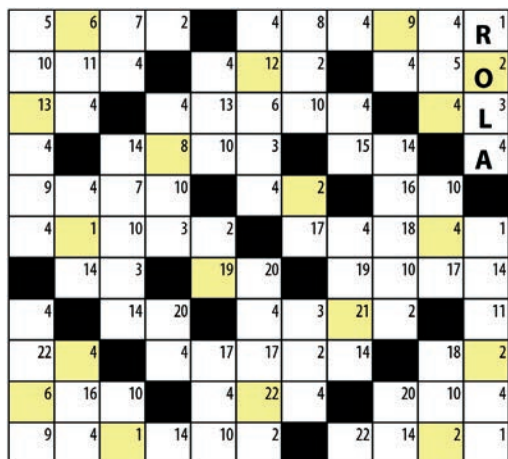
Encantei-me logo que te vi,
E assim fiquei apaixonado.
Agora vivo pensando em ti,
Perto, longe, em todo o lado!

Pires da Costa
Sócio n.º 10395



Criptograma

Número igual, letra igual. A partir da palavra-chave, preencha o diagrama. As letras que ocupam as quadrículas coloridas formam um provérbio.



A sortear: **Prémio Porto Editora**

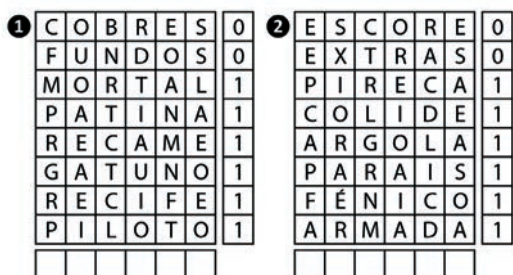
A Luzia andava com passo firme no terraço à espera da mãe. Onde está certa coisa que se encontra na música?

Fernando Pessoa

A sortear: **Prémio SBSI**

As duas palavras

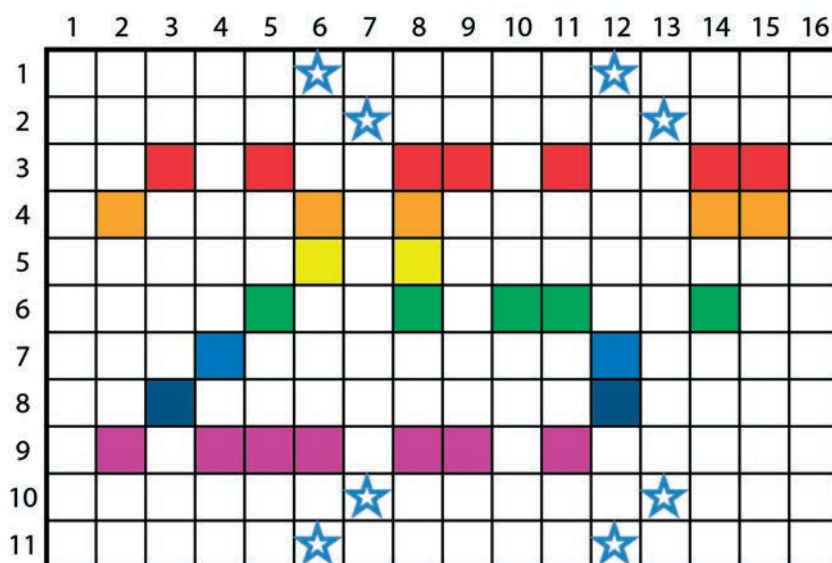
Os dígitos indicam quantas letras estão no lugar certo. Seguindo esta lógica e pelo sistema de eliminação, descubra as duas palavras.



A sortear: **Prémio SBSI**

Palavras-cruzadas

Problema 408



HORIZONTAIS: 1 - Preferi; Estado de depressão [Brasil][coloq.]; Grito de aplauso. 2 - Deseja muito; Extensão de terra cultivada; Alfinete de lapela. 3 - Planta liliácea oriunda da China; Abreviatura de *antes de Cristo*; Base Aérea. 4 - Também; Entusiasmo [fig.]. 5 - Lugar onde se seca a cana-de-açúcar (pl.); Que diz respeito. 6 - Atrás de; Arraial; Estrada Nacional; Orçamento Retificativo. 7 - Aqui está; Oscilar; Apliquei. 8 - Contr. de *em* + *a*; Amantes; Conservará. 9 - Encher [fig.]. 10 - Mondava cuidadosamente (a erva ou o capim); Apoie; Desaba. 11 - Senhora [Brasil]; Fruto da aveleira; Desejado.

VERTICAIS: 1 - Entretenimentos [regionalismo]. 2 - Canção; Abrilhanta; Acha graça a. 3 - Prep. que designa lugar; Araras; Bebida alcoólica, semelhante a aguardente, preparada com cereais (cevada, trigo, aveia) e zimbro. 4 - Aprecias; Interj. que exprime alegria. 5 - Seguir; Existes; Assembleia Municipal; Continue. 6 - Abreviatura de *autores*; Espécie de capote. 7 - Travessia. 8 - Aqueles; Símbolo de *noroeste*; Abreviatura de *avenida*. 9 - No caso de; Colher; Prep. que designa autoria. 10 - Na superstição popular, assembleia de bruxas, realizada à meia-noite, presidida por Satanás; Casa paterna [fig.]. 11 - Ataque; Ali; Essas; Batráquio anuro... 12 - Dê; Porque [arc.]. 13 - Que contém grãos de areia. 14 - Itinerário Principal; Agarra. 15 - Deduzi; Desafiar [fig.]. 16 - Dia em que se completa um ou mais anos a partir daquele em que um acontecimento ocorreu.

A sortear: **Prémio Porto Editora**

Dicionários adotados: da Língua Portuguesa e dos Verbos Portugueses, da Porto Editora.



A sortear: **Prémio Porto Editora**



Estamos de parabéns.
O «Tempo Livre»
completa 25 anos!

“Seja a mudança que quer ver no mundo”

Dalai Lama (China, 6.7.1935), líder religioso

«Tempo Livre» 408

Ano XXV

Prazo para respostas: 20 . julho . 2019

Sudoku

As casas vazias devem ser preenchidas com os algarismos de 1 a 9 mas de forma a que cada um dos algarismos surja somente uma vez em cada linha, em cada coluna e em cada quadrado.

Fácil 322

	6						1	
7			9		1			8
		3		4		6		
	1		8		5		4	
		5				1		
	9		7		4		3	
		4		9		5		
6			5		3			9
	3						2	

Médio 322

		2		3		6		
	5			7			9	
3		6			8			7
			6			7		
6	2			4			3	5
		7			1			
4			5			9		8
	7			6			1	
		5		2		3		

Difícil 322

	9						5	
1			2		4			9
		3		5		2		
	1		6		5		3	
		5				6		
	6		3		7		9	
		2		1		7		
4			5		3			6
	7						8	

Fácil 323

		6		9		8		
	8		1		6		5	
2				3				4
	7						3	
4		9				7		6
	1						9	
5				8				3
	3		9		2		6	
		8		5		1		

Médio 323

8						3		
	7			9			1	
9					6	7		
6						8		
	3			7			4	
		8						6
		1	5					7
	4			2			5	
		2						4

Difícil 323

		9		6		1	4	
7				4		3		
6	1							9
			4		5			
9	6						8	2
			8		6			
1							6	5
		6		8				3
	2	7		5		8		

Resultados do «Tempo Livre» 407

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	B	U	F	A	R	I	G	N	E	O
2	U	M	E	R	A	L	D	P	S	
3	T	A	G	I	R	O	P	O	S	
4	E	Z	U	A	T	A	I	P	A	
5	C	R	I	U	G	E	D			
6	C	A	S	U	G	A	R	I	A	
7	A	R	T	A	I	R	A			
8	R	E	T	E	R	I	D	E	E	
9	E	C	O	I	S	T	O	U	M	
10	P	E	M	R	E	C	A	T	A	
11	A	R	P	O	A	M	E	I	O	S

Palavras-Cruzadas: Premiado: Maria do Céu Correia (Corroios).

Grifograma: A - Cheio. B - Corda. C - Norte. D - Arado. - Adolfo Correia da Rocha. Premiado: Manuel Amorim da Silva (Marinha Grande).

Enigma Figurado: Levar o cabaço (receber a recusa de um pedido de casamento). Premiado: Rui Leal do Nascimento (Alverca).

Letra Dupla: FULECRA [1 - Refugio/Afinfe. 2 - Gabiru/Áugure. 3 - Ilhota/Lençol. 4 - Origem/Reside. 5 - Canelo/Cercas. 6 - Quarto/Primar. 7 - Humano/Sacola. Premiado: Joaquim Fernandes Pombo (São Domingos de Rana).

Anagramas: Torto, Paiva, Mouro. Premiado: António J. M. Molarinho (Lisboa).

Soluções

9	4	8	6	5	3	1	2	7		
1	3	7	9	4	2	5	6	8		
5	6	2	7	1	9	4	8	3		
4	2	1	5	4	9	2	8	7		
3	7	6	1	8	3	5	2	4		
8	7	5	3	1	6	4	9	2		
6	5	9	8	7	2	3	4	1		
2	9	1	4	5	3	8	7	2		
7	8	4	1	2	6	3	5	9		
3	5	6	4	9	7	8	1	2		

Difícil 323

Médio 323

Fácil 323

5	7	6	4	9	2	1	8	3		
4	8	1	5	7	3	9	2	6		
9	3	2	8	1	6	7	4	5		
6	4	3	2	7	5	9	1	8		
3	2	5	1	4	6	9	7	8		
7	1	9	6	8	5	3	4	2		
6	4	3	9	5	8	2	1	7		
1	5	7	2	3	4	8	6	9		
2	9	8	7	6	1	3	5	4		
8	5	4	1	7	6	2	9	3		

Difícil 322

Médio 322

Fácil 322

Até

15

JULHO

OPORTUNIDADE ÚNICA DESCONTO ATÉ 1000€

Desconto direto nos equipamentos assinalados -
EXCLUSIVO REVISTA O BANCÁRIO.



ESPECIAL SENIORES

ATE20BC 10619

SCOOTERS ELÉTRICAS DE MOBILIDADE

NÃO NECESSITAM
DE CARTA DE CONDUÇÃO

MUITO
ECONÓMICAS

3 ANOS
GARANTIA

Recuperar a sua vida agora custa muito menos!

As scooters de mobilidade trazem uma nova liberdade e independência. Agora, sempre que quiser, podem ir às compras, ao café, passear e visitar os seus familiares ou amigos. Circulam em passeios.

EXPERIMENTE

GRÁTIS
EM CASA!

Experimente qualquer uma das nossas scooters de mobilidade em sua casa, sem qualquer custo ou compromisso.



até
-1000€
DESCONTO

Scooters de grande porte

Ligue agora, tel. 808 918 388 e solicite a sua scooter para os seus primeiros passeios.



até
-1000€
DESCONTO

Elevadores de escadas

★
GRÁTIS
Avaliação
das suas escadas

★
GRÁTIS
Instalação em
menos de 1 dia*

Adaptam-se à
maioria das
escadas,
interiores e
exteriores.

★
GRÁTIS
Demonstração
em sua casa



ELEVADORES DE ESCADAS

Porque merece viver melhor, merece ser feliz!

Com os elevadores de escadas Stannah pode subir e descer as escadas, confortavelmente e em segurança.

Aproveite a oportunidade e
redescubra a sua casa!!

- Fáceis de operar
- Elétricos e de baixo consumo.
- Rebatíveis, não obstruem a passagem
- Sem obras, instalado diretamente nos degraus

*Baseado numa instalação em condições ideais

SOLUÇÕES DE BANHO

Recupere o prazer de tomar um banho relaxado, sem medo de escorregar na banheira

A banheira alta com porta permite entrar e sair do banho sem necessidade de elevar as pernas. O acesso fácil, seguro e sem dores ao banho é uma realidade.

- Porta para fácil acesso
- Base antiderrapante
- Paredes altas promovem o equilíbrio
- Assento incorporado



Não caia na banheira
Fácil entrar e fácil sair

★
GRÁTIS
Instalação em
menos de 1 dia*

★
GRÁTIS
Demonstração
em sua casa

★
GRÁTIS
Avaliação e
Orçamento na hora



a partir
de **-300€**
DESCONTO

Soluções de banho



GRÁTIS ✓
Avaliação de
mobilidade

GRÁTIS ✓
Demonstrações
em sua casa

GRÁTIS ✓
Guia de soluções
de mobilidade

Ligue e fale connosco:
808 918 388

Custo de chamada local

■ Agende uma visita com um especialista e, sem sair do conforto do seu lar, fique a conhecer todos os nossos equipamentos. Com base no que pretende, será aconselhado sobre as soluções mais adequadas a si. Este serviço é prestado gratuitamente, em qualquer parte do país e sem qualquer compromisso para si.

As campanhas apresentadas nesta comunicação têm validade de um mês a partir da data indicada e não são acumuláveis com outros descontos ou campanhas em vigor.

Stannah